AVISO ESSENCIAL.

Com este numero termina o volume V da Revista. Com o proximo numero começará o VI volume. Os esforços da Redacção continuarão a ser cada vez mais zelosos no desempenho de seus importantes encargos: não se faz programma porque o plano do jornal, com leves modificações, continuará a ser o mesmo.

Os Srs. que quizerem assignar, ou renovar as suas assignaturas poder-se-hão dirigir, em Lisboa, unicamente ao escriptorio da Redacção, rua dos Fanqueiros n.º 82 — 1.º andar.

Igualmente se assigna em casa de seus correspondentes: em Coimbra, na de J. M. S. de Paula, na Imprensa da Universidade: no Porto, na de Francisco José Coutinho, typographia commercial portuense, rua do Bellomonte n.º 57: em Faro na de José Coelho de Carvalho: em Braga na de Luiz do Amaral Ferreira, rua do Souto n.º 23: na Madeira, na de Christovão José de Oliveira: na Terceira, na de Lucas José Chaves: no Fayal, na de Manuel Maria Madruga de Bettencourt: em S. Miguel, na de Sebastião Tudury: no Rio-de-Janeiro, na de Agostinho Freitas Guimarães & Companhia: no Pará, na da viuva Collares & Companhia: em Pernambuco, na de Isidoro Luiz de Sousa Monteiro, rua da Cruz n.º 19.

Preços das assignaturas.

Por 12 n.os	$600	réis.
Por 24 »	1$200	»
Por 48 »	2$400	»
Avulso cada n.º	$080	»

As collecções completas de todos os annos da Revista, junctas, ou em separado, se vendem: cada volume em papel 2$400 — Em brochura 2$440 — Em meia encadernação 2$600 — Em encadernação inteira 2$700.

CONHECIMENTOS UTEIS.

STATISTICA CRIMINAL.

1845.

595 O 'Diario-do-Govêrno' de 16 do passado publicou a statistica criminal do reino e ilhas adjacentes em todo o anno de 1845. D'esse mappa resulta o seguinte:

Assassinios	250
Infantecidios	23
Propinação de veneno	11
Rixas e ferimentos	1,889
Moeda-falsa	2
Crimes politicos	10
Latrocinios, roubos e furtos	550
Incendios por malevolencia	28
Crimes contra a pudicicia	31
Arrombamentos	47
Resistencia ás auctoridades-publicas	62
Suicidios	11
Outros crimes	910
Total	3,861

No anno de 1844 a totalidade dos crimes foi de 4,798. Ja se ve que, acreditando-se nos dados officiaes houve no anno passado uma diminuição de criminalidade de 910.

Ésta differença da-se pelo modo seguinte:

Assassinios	15
Rixas e ferimentos	465
Moeda-falsa	3
Crimes politicos	8
Latrocinios, roubos e furtos	53
Incendios por malevolencia	1
Arrombamentos	11
Resistencia ás auctoridades-publicas	54
Suicidios	1
Outros crimes	315
Differença para menos	926
Infantecidios	9
Crimes contra a pudicicia	3
Outros crimes	15
Differença para mais	27

Ora, na supposição de que Portugal tem uma população de 3,412,000 almas, vem a dar quasi um criminoso por cada 880 almas.

Éstas cifras podem tomar-se apenas, em quanto a mim, como dados aproximativos, e nunca como bases seguras para se conhecer com exactidão da criminalidade do paiz. Sería para desejar que éstas statisticas fossem mais minuciosas e explicitas. Deveria, por exemplo, haver a cifra de todos os crimes praticados no paiz, a dos criminosos, ou julgados taes, que foram presos, a dos condemnados e absolvidos, a differença entre os que foram julgados pelos tribunaes ou pelo correccional, e outras circumstancias essenciaes que devem acompanhar os documentos officiaes d'esta natureza; d'outro modo nunca por elles se poderá fazer obra. N'este mesmo mappa que tenho á vista, se não é êrro meu da-se uma pequena differença, como perventura o leitor ja terá reconhecido; porque sommando, em 1845, a estatistica 3,861, e 4,798 em 1844, a differença é de 937; mas como a differença para mais é de 27 e a para menos de 926, éstas duas differenças sommando junctas 953, bem se ve que os resultados são diversos operados de maneira differente.

Estabelecer a statistica entre os crimes e os criminosos, é absolutamente necessario para conhecer a marcha da criminalidade. Um mesmo crime póde ser perpetrado por muitos criminosos; e ao contrário. Logo, fundar a statistica unicamente no facto, será erral-a; e tambem porque não haverá (n'esse caso)

toda a certeza do facto ser realmente crime. Assim como será inexacto fundal-a no facto e na apprehensão d'aquelle a quem esse facto for attribuido; não so porque assim escaparão muitos factos, como tambem porque, não se dando o flagrante, o facto póde não ter sido crime, o apprehendido póde não ser criminoso. O julgamento é pois indispensavel para a confecção da statistica criminal.

Mas ha ainda outro ponto que nunca deixa bem liquidas éstas mesmas statisticas, ainda quando ellas sejam escrupulosamente confeccionadas, em resultado dos julgamentos; porque estes não são nem poderiam ser afferidos por uma unica bitola, e assim as provas condemnatorias variando, e variando tambem a applicação da lei, tal anno haverá que apresente mais condemnados tendo havido realmente menos crimes; e vice-versa.

Em Inglaterra e França, onde se põe todo o cuidado, a maior diligencia, na boa organização d'esta statistica, é ella todos os dias objecto de soluções diversas e contradictorias. Alguns exaggeram o progresso da criminalidade; outros congratulam-se pela sua diminuição. D'este modo uma questão que parecia ser unicamente d'arithmetica, á vista dos documentos officiaes, dá logar a dissertações moraes muito interessantes.

Bem se ve pois, que eu me não admiro de que faltando-nos ainda os meios de podêrmos ser exactos n'este ponto, não tenhamos uma boa statistica criminal; mas quizera que, ao menos, se pozessem mais e melhor os meios para a termos, e não apparecesse assim desacompanhada de todas as circumstancias que a podem fazer devidamente apreciar.

INFLUENCIA DAS FRUIÇÕES MATERIAES SOBRE A MORALIDADE DO POVO.

II.

596 Quando em 1814 cessaram as grandes luctas, que, por quasi um quarto de seculo, tinham provocado um por um, ou todos junctos, os differentes povos ao campo da batalha, quando o homem formidavel que subiu tam alto a glória da França teve de succumbir aos golpes reunidos de inimigos inumeraveis conjurados para consummar a sua ruina, e que a Inglaterra, instigadora d'esta vasta colligação formada contra um so paiz, contra um so homem, viu afinal os seus esforços coroados de feliz successo, então, outras necessidades se revelaram á Europa decidida ao repouso. Uma era nova ia inaugurar-se — a da industria. Se o passado apparecia glorioso para a França, estava ella todavia forçada a confessar que tantas victorias nobremente peleijadas tinham sido estereis. O triumpho util pertencia á Inglaterra. O seu dinheiro tinha-lhe alcançado allianças, obtido traições, franqueado cidades, ganhado batalhas. O oiro tinha vencido o ferro. A França intendeu tambem, depois, que o oiro lhe asseguraria o verdadeiro, o unico podêr destinado a ser para o diante o signal da fôrça.

Os acontecimentos que se seguiram a 1814 viram nascer na França o estabelecimento do govêrno representativo, e n'alguns outros Estados, nomeadamente na Allemanha, constituições novas, assembleas deliberativas em que o povo intervem para votar os tributos e participar da confecção das leis.

Estes grandes factos d'uma paz geral vindos após uma guerra universal, estabeleceram novas relações de povo para povo; e modificaram a face geral da sociedade europea.

Por outra parte o systema continental, actuando mais directamente sôbre a França, tinha-a dotado de manufacturas e forças industriaes para cujo desinvolvimento so faltava tempo. Incommodados pelo bloqueio continental com o mesmo torpeço que a França, outros pontos, submettidos por muitos annos á espada de Napoleão, tentaram prescindir dos productos inglezes e abastecerem-se a si mesmos. Esses povos deveram começar, como em França, a crear fabricas e manufacturas, preciosas balizas por onde em breve passariam todas as grandes vias do commercio.

Foi decerto sob ésta influencia e com todos os germens industriaes, prestes a desabroxar, que entre os povos começou a longa tregua que abrange os últimos trinta annos, depois d'essa menoravel data de 1815. E apezar de especiosas previsões ella se mantem por uma fôrça que escusado é de procurar no juizo e moderação dos governos, nem tambem attribuir como se tem pertendido, ao medo que inspira o horror da guerra. Se ésta tregua se não tem rompido, é porque nenhum sentimento energico veio ainda reanimar a resolução dos povos. Não são so os braços que levam canhões contra canhões, são tambem as ideas; e as ideas hoje não são de odio nem destruição. Não ha passado que torne a começar.

Os trabalhos da guerra estavam acabados, os da paz iam nascer. A actividade humana voltou-se para as artes uteis. A mocidade entregou-se á industria, ao commercio, á navegação e a todas as especulações cuja primeira palavra é trabalho, e a última, descanso, commodidades, bem-estar.

III

As precedentes noções contribuirão para melhor intelligencia de como o facto capital de que nos occupâmos, se deve ter produzido na epocha em que vivemos, sob uma fórma e um character de generalidade que elle anteriormente não podia tomar.

D'este modo, ainda mesmo quando nos não tivesse sido prescripta a indagação das causas do que assim se manifesta, julgámos que havéria verdadeira satisfação d'espirito em saber a intima ligação dos factos que se observam com as circumstanciaes especiaes que teem dado a esses factos tam consideravel influencia sôbre o estado da sociedade.

O que nos toca agora é dizer os variados e numerosos resultados que necessariamente produzem n'um povo a « diffusão universal do bem-estar, o gôsto singular que para elle tem o maior número, e a tendencia das almas e das intelligencias a se preocuparem d'esse gôsto exclusivamente. » Porque se essa diffusão fosse completa, comprehenderia em si a solução de um dos problemas sociaes mais dignos de fixar as meditações do philosopho e do estadista.

Tractando d'esta questão, declarâmos que o nosso espirito está livre de qualquer prisão systematica, e sem partido exporemos as consequencias diversas mas graves, que fatalmente derivam, emquanto a nós, do grande accidente politico tam convenientemente notado pela academia das sciencias moraes e politicas.

Essas consequencias são as seguintes:

Influencia na marcha do govêrno — sôbre a sua politica — sôbre a sua legislação — sôbre o patriotismo

nacional — sôbre os trabalhos públicos emprehendidos pelo Estado — sôbre as lettras, artes e estudos — sôbre os costumes geraes e privados, as relações civis, os sentimentos de familia — emfim sôbre toda a sociedade.

Como se ve, é vasto o campo das observações. Nós o abrimos, procuremos agora passeial-o.

IV

Qualquer que seja o seu principio, feudal ou aristocratico, democratico ou monarchico constitucional, o govêrno cede insensivelmente e obedece ás tendencias da epocha sôbre que elle julga exercer uma acção independente. Até mesmo não vive senão com ésta condição. O impulso que o govêrno recebe d'esta necessidade de se conformar com as ideas do tempo, é mais immediata e mais viva se elle precisa, para executar a sua vontade, do concurso das assembleas deliberativas. N'este último caso, longe de combater os progressos da nação para as fruições materiaes, as suas vistas, os seus projectos, todos os actos da sua politica não terão mais que uma direcção: satisfazer ésta necessidade; nem mais que um fim: o maximo desenvolvimento da riqueza pública. A honra nacional, como por muito tempo foi deffinida, soffrerá modificações. Para que ésta honra nacional excite a sollicitude do govêrno, será necessario que um interesse palpavel, fortemente ligado com a prosperidade pública, seja ameaçado ou corra algum perigo. Ésta disposição, sem cessar de ter o seu valor, não affracará por ventura as suscepstibilidade legitimas que um grande povo deve experimentar? Talvez que haja n'isto abatimento do brio nacional, e a dignidade altiva nas relações diplomaticas tenderá a perder esse explendor criado por Luiz XIV e sustentado por Napoleão.

É de receiar que os grandes pensamentos que muitas vezes senão recommendam senão pela generosidade ou pela delicadeza da honra nacional não sejam bem comprehendidos. Haverá ainda d'essas subitas resoluções, d'esses movimentos electricos que aconselhariam uma intervenção leal, desinteressada, algumas vezes até onerosa em favor de uma causa justa? Antes de emprehender os govêrnos virão a indagar que beneficios materiaes resultarão d'um acto seu. E terão razão em referencia ao meio que obrarem. Aliás, fica-se no direito de accressentar, para suavizar a tristeza d'esta supposição, que poderia chegar um dia em que a honra nacional perdesse a sua nobre irritabilidade, mudasse sem dúvida de motor, mas sem nada perder da sua vitalidade.

Quando chegar essa epocha, toda consagrada ao culto das fruições materiaes, os trabalhos públicos não serão emprehendidos senão com a clausula de offerecerem incontestavel character de utilidade. O gôsto geral servirá de molde á pedra, ao granito e ao bronze; e este gôsto se affastará mais de dia para dia dos typos so opulentos, ou exclusivamente inspirados pelo amor da arte, o renome do soberano ou o enthusiasmo do povo. E quem sabe se, implorando o seu appoio, ou fazendo-se seu commensal, esse gôsto não dará ao povo uma imaginação, uma poesia cuja fórma nós não temos a faculdade de adivinhar? Os Medicis eram negociantes florentinos, e foram os mais magnificos protectores que jamais tiveram artes e artistas. Do mesmo modo não se deve desesperar da arte ainda mesmo entre os povos mais mercantis; damos por testimunha a Inglaterra d'onde sahiram n'estes últimos tempos Byron e Walter-Scott.

Uma sociedade tocada pelo contagio industrial é cada vez mais avida sempre do seu bem-estar, apresentará serias difficuldades aos govêrnos. Os embaraços nascerão particularmente da obrigação de satisfazer essa necessidade excessiva de fruições materiaes exigidas pelas classes menos abastadas e que as não possuiram ainda. Mas por outro lado, como essas fruições objecto de tantos votos, se tornarão partilha das classes medias, parte muito notavel da nação, as resistencias serão sempre contidas, calculadas de maneira que não ponham temerariamente em perigo aquillo que ja se possue com toda a fortuna de uma conquista obtida a preço de mil disvellos na vasta arena da concorrencia. Os tributos poderão receber maior extenção, com a condição porém de que o emprego d'elles venha a fecundar os trabalhos de utilidade geral. As vias de communicação, cuja rede abrange vasta extenção de territorio, não serão realizaveis, por exemplo, senão com ésta reserva. As estradas de interesse simplesmente local, hão de abrir-se, porque o individualismo é uma das consequencias inevitaveis do amor das fruições materiaes que tendem completamente a completar-se.

Temos fallado da desordem de que as profissões estão ameaçadas. Se as que vivem da premutação e producção se enriquecerão depressa, algumas descerão do alto ponto em que brilharam outr'ora. A profissão das armas tenderá a cahir em descredito, o seu prestigio se dissipará porque o desejo de conquistar terá cessado de ser intelligivel. Os exercitos de terra principalmente serão apenas conservados por considerações secundarias. O commercio e a industria virão a tomar a marinha debaixo da sua protecção, porque o seu concurso é indispensavel para proteger e effectuar as premutações, e conservar as relações longiquas. O primeiro logar será d'ella. E essa vantagem lhe criará privilegios e valerá distincções como na America do norte onde o commodoro substituiu o fidalgo.

Os tractados reclamados do govêrno pelas assembleas deliberativas não tornarão a ter por objecto a accessão de uma provincia ao solo da patria. Mas serão requeridas as convenções que abrem aos productos mercados novos. A diplomacia cahirá do seu alto cortejo, os embaixadores serão como correspondentes officiaes, consignatarios de uma grande empresa commercial.

Tal será o espirito do tempo. Nós marchâmos para a realização proxima d'esta revolução. Ella terá as suas sombras mas hade ter tambem a sua luz viva. O longo repouso da paz tem seus incantos; elle tem procreado maravilhas hade dar-nos prodigios. Nem sempre é prudente tirar toda a moralidade a uma epocha que nasce: seria amaldiçoar o filho ainda no berço. A Providencia não permitte que se adivinhem as suas obras: como deixaria ella que as condemnassem sem remissão antes de as conhecer?

As funcções públicas, exceptuando as mais elevadas, serão similhantes ás outras carreiras que o trabalho deve, antes de tudo fazer fortificar. Serão sollicitadas não tanto por ellas em si como pelas vantagens de que serão origem. Ninguem terá tempo a dar-lhes a menos que esse tempo não seja riccamente recompensado. O legislador terá que inventar outra ordem de am-

bições se isso for necessario ás suas vistas. Veneza teve a sua aristocracia commerciante e ella obteve conjunctamente riqueza e grandeza, associação de trabalho e dignidade pessoal.

As distincções honorificas participarão, em certo grau, da sorte das funcções públicas, um pouco desleixadas. Até parece que seriam destinadas a ser inteiramente o superfluo da existencia, se se soubesse quanto a vaidade é immorredoira no coração do homem. Que constituição social a anniquillará jamais; principalmente n'aquellas nações em que ella tem produzido, bem dirigida, tantos grandes homens e tantas obras immortaes?

(Continúa.) *Barão de Chaillou.*

ILLUMINAÇÃO A GAZ.

(*Carta.*)

597 *Sr. Redactor.* — Sabe-se muito bem de ha muito, que não são lindezas, não são proveitos não são urgencias de uma innovação, que evitam que ella tenha antagonistas. Ao que passa quasi sempre se acham bellezas que não existiram, e são estas que offuscam as perfeições do que vai desabroxar.

Lendo o n.° 46 do seu jornal deparei um artigo sobre a illuminação a gaz, que julguei perfeitamente n'este caso, e como estou persuadido que tenho alguma finura para conhecer desarazoados, e como estes não se conformam muito commigo, resolvi-me a escrever este pouco dizer sobre elle, mas que alias intendo ser acertado, e a sollicitar a V. de o inserir no seu proximo numero.

Com a leitura do citado artigo comecei por sentir que no seculo XIX apparecesse ainda uma voz que votasse por devermos ficar semi ás escuras pelas ruas, theatros, armazens de modas etc., sitios estes que demandam assaz de brilho, e por conseguinte appoie que devamos jazer no nosso atraso de civilisação. Em quanto Lisboa não tiver bem luminosas noites, por certo não se confundirá com Paris.

Depois fez-me doer sensivelmente que o nobre auctor do artigo, não duvidando da decadencia do commercio do azeite, ouse sustentar que devemos acompanhar toda a decrepitude d'aquelle negocio, sem advertir que se deve tractar de supprir o logar que elle occupa, o qual será dignamente preenchido pelo novo projecto de gaz, visto que toda a Europa o protella.

Que o commercio do azeite está moribundo é tanto verdade que diz o nobre barão d'Almeirim, (e deverá sabel-o) que na colheita passada o producto do azeite não chegou para as despezas; além de que diz mais, não ha tanto quanto necessario para que nós possamos deixar de nos soccorrer das nossas colonias, com a semente da purgueira, que nos facilita a maior parte da luz. Para que servirá então aos possuidores dos olivaes sustentarem aquelle negocio nocivo?

Para que hão de os habitantes de nossas colonias occuparem os seus torrões com uma semente que se torna conveniente dispensal-a, quando tanto uns como outros podem occupar as suas possessões terreas com productos de mais carencia, e por conseguinte mais lucrativos? E isto prova-se tão bem, que até a relva, o sparceto por exemplo, para pastos, de que hemos tanta precizão, nos attesta dever ser mais lucrativo.

Se o nobre barão redarguir que se deve dar incremento a esta industria para que os commerciantes d'ella lhe não sintam a decadencia, parece-me não ser acertado ir animar um commercio (e para isso seria necessario um projecto que ainda se não concebeu) quando elle nunca nos poderá facultar mais que uma oppaca luz, que não poderá jamais competir com aquella do gaz: parece-me pois incongruente ir buscar o meio de animar um commercio, que não poderá jamais satisfazer aos desejos do seculo: parece-me emfim fóra de toda a conveniencia dar logar aos extrangeiros poderem dizer que nós portuguezes nem siquer vemos. Mas ainda aqui não paro, porque, se me disserem que se ponham em competencia o gaz e o azeite multiplicando-se as luzes d'este, quererei saber quanto valem os riccos reverberos de uma unica luz a gaz, que custa pouco, a par de muitas de azeite que se pagam caras. Valerá então a pena Sr. Redactor, deixar-mos de ter grandes manadas applicando-se os cabedaes de taes negociantes para ellas, deixarmos de ter baratas carnes, finas lans, abundantes couros, para nós e para exportarmos, afim de que nos sirva o azeite tão mal a vista e bolça, e deteriore os seus commerciantes? Respondam os commerciantes a quem não chega o producto do azeite para as despezas; responda o povo a que so póde provir melhoramento de luz e economia com a extincção d'elle; tome tambem parte na resposta a civilização quando tivermos uma cidade vistosa, attrahindo a boa sociedade a um diambulatorio nocturno, frequentando nossas lojas, ás quaes a concorrencia nas ruas disporá a não se fecharem de dia.

Emquanto ao consummo do carvão, a companhia propõe-se a gastar do nacional, e d'esta fórma não sei como S. Ex.ª poderá provar que não será um bem vital para as minas d'elle, as quaes se as não houvesse não sei intender como a companhia podesse contractar com o governo a servir-se d'ellas, e servindo-se, parece-me que sou razoavel se infiro que deve prosperar este ramo. Se além d'isto não serve de mais a companhia do que sanccionar a espoliação, como diz a peroração do artigo, referindo-se ao mal que fará ao azeite o incremento d'este commercio, direi que, quando um objecto é nocivo, a idéa de outro que porventura o extinga é mui digna de louvor.

Occorre mais dizer o nobre barão que do depreciamento do azeite *deve provir o anniquillamento de muitos milhares de fortunas n'este paiz!*

Oh! que lhe parece Sr. Redactor, muitos milhares de fortunas em Portugal?!! E pelo commercio da azeitona!! Misericordia! — Isto foi sem duvida rasgo de imaginação! — Mas convindo eu mesmo que haja algumas fortunas provindas pelo azeite, S. Ex.ª não m'o consentirá, porque lá diz *que se acha muito decahido do preço, e que alguns annos, como aconteceu no proximo passado, mal cobriu a despeza do apanho e fabrico*: por conseguinte houve perda, e com perdas so se o Sr. Barão sabe como se sustentam fortunas!

De maneira que por todo o discursar do artigo do nobre barão so encontro razões repletas de saudades pelo azeite (que tambem não recende agradavel odór) e um resentimento talvez contra a companhia,

que não posso deixar de notar, porque se se illuminam os theatros com gaz, teremos uma bella optica, se se illuminam os caffés, parecer-me-hão mui lindos, se igualmente as mais lojas, ainda bem, que ja não desespero de podêr vêr para comprar qualquer coisa de noute, e se o proscripto azeite ainda appellar para o prato, saiba Sr. Redactor que *je ne l'aime pas*, e tudo isto serão progressos. Accresse mais, que a acua pelo gaz, terá mais modico preço que pelo azeite. Este era nossa industria ancian, appareceu outra rival mais forte por tantos modos, bem se deprehende que deve ficar vencida. Nós tambem tinhamos o grande commercio com as Indias, hoje está nos paroxismos. Appareceram as companhias que tudo revolvem somente no reino, e vingam.

P. F. L.

Maio 12 de 1846.

COLLOCAÇÃO DE UMA MERIDIANA-SONANTE NA CIDADE DO PORTO.

598 Nem tudo será eivado do phrenisi do seculo, nem tudo será politica no nosso reino. N'esse vortice immenso em que girâmos, onde mais vezes se debatem as paixões que os interesses do paiz, tambem alguma coisa hade surgir de verdadeira utilidade. O Porto acaba de fazer uma adquisição d'esta especie, e por fortuna minha coube-me a mim o seu desempenho. Ahi tem elle uma Meridiana sonante, ahi tem elle portanto satisfeita uma das suas grandes necessidades.

A simples Meridiana é uma machina demasiado comprehensivel e de facil obra, mas não assim se este instrumento se encarrega tambem de transmittir a hora que marca para um ponto longiquo por meio do toque de sinos. A Meridiana que hoje tem o Porto pratica isto.

Acha-se ella collocada no magnífico, e a todos os respeitos mui appropriado edificio da Torre-dos-Clerigos, e a seguinte, é a descripção mais abreviada do seu machinismo e effeitos.

Passando o sol (segundo a phrase recebida) pela linha Norte-Sul da cidade, um de oito delgados cordões feitos de quatro fios de retrós preto que se acha na mesma linha, se queima quando ferido pelo fóco de uma lente, e immediatamente pelo espaço de quasi dois minutos, se faz ouvir um repique dado em muitos sinos, e a detonação de um morteiro. Isto se passa na altura de 52 metros, ou, pouco mais ou menos 235 palmos acima da base da Torre, e portanto dá aviso á maior parte da cidade de quando é o seu verdadeiro meiodia, e convida a todos para que regulem seus relogios talvez duzentas e tantas vezes por anno que tantos são os dias presumiveis em que a atmosphera do Porto deixa ver áquella hora a face do sol.

Não obstante estar a Meridiana collocada fóra da Torre, e distante da machina que tange os sinos coisa de 50 palmos, e ésta afastada d'elles uns 102, o que torna um pouco difficil a communicação entre as diversas partes d'este todo, tudo se venceu, e uma vez truncado o cordão que se propoz á acção dos raios solares convergidos pela lente, os sinos tocam, echoa o morteiro, e a peça que contem os 8 cordões, foge da sua posição para depois de dar tempo á deslocalisação do fóco, vir off recer por um outro movimento que faz sôbre o seu eixo, um novo cordão que detem a maquina, e que hade repetir no outro dia ésta mesma scena. E porque são 8 os cordões, e 8 tambem os dias de corda que a machina tem, so depois de seccionado o último cordão, é que é necessario refazel-a de novos cordões, e de nova corda que é preciso dar-lhe.

Se alguma Meridiana similhante a ésta existe na Europa ou na America, eu não tenho d'isso conhecimento, e se as leis da mecanica não fossem circumscriptas a certos respeitos, e portanto mais faceis de se repetirem seus resultados do que é possivel renovarem-se as figuras do Kaleidoscopio, eu não teria duvida em sustentar que decerto outra Meridiana igual não ha, por isso que ésta é de minha pura invenção e execução no mais delicado de suas partes. E ainda me lisongeio que tão feliz fui em minhas combinações que nenhuma me falhou, e não tive que perder uma unica peça, salvo as que ingeitei por menos consistentes, e ainda algumas outras que tive de abandonar em consequencia de novo acordo tomado de serem tangidos diversos sinos e não um so.

Conscio como estou de que a minha obra é de inquestionavel utilidade, não quererei so para mim o exclusivo dos gabos que d'ahi possam provir, e por tanto direi que o Porto a deve á exm.ª camara municipal que a mandou fazer; aos seus commissionados os illm.os srs. Antonio Alves de Sousa Guimarães, e Manuel Joaquim Gomes Guimarães que commigo tractaram; a s. ex.ª o sr. bispo da diocese, aos illustrissimos mesarios da irmandade dos clerigos e seu secretario o illm.º sr. D. Francisco da Piedade Silveira que prestaram o edificio, e finalmente aos meus amigos os illustrissimos srs. João Vieira Pinto, Francisco Joaquim da Silva Natividade e Luiz Ferreira de Sousa Cruz que particularmente me prestaram todo o auxilio de que careci para a levar ao cabo; devendo tambem mencionar que o sr. Manuel Bernardes Galinha, muito habil artista de Coimbra, muito me coadjuvou pondo á minha disposição a sua bem estabelecida officina de que eu me utilizei por não ter n'aquella cidade ja a minha, e finalmente a outras mais pessoas.

N. B. A Torre-dos-Clerigos (de 316 palmos de altura ou 70 metros pouco mais ou menos) é julgada a maior do reino, e a mais bem segura entre as principaes da Europa, excedendo n'esta singularidade as de Bristol, Utrecht, Hamburgo, Riga e Bologna, porque além de ser toda de cantaria tem multiplicados campanarios com 12 sinos (hoje tem 10). A igreja foi sagrada a 12 de dezembro de 1779 pelo reverendo Fr. João Raphael de Mendonça e concluida em 1763. A torre um dos maiores obeliscos, que se vê 10 leguas ao mar, serve igualmente de balisa ou marca para por ella se dirigirem as embarcações que entram no Douro. (Directorio Civil, Politico e Commercial de 1846).

Porto 8 de maio de 1846.

Verissimo Alves Pereira.

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO XXXVIII.

Jantar nos reaes paços de Affonso Henriques. — Sautés e salmis. — Desce o A. á Ribeira de Santarem em busca da tenda do Alfageme. — A espada do Condestavel. — Desappontamento. — O salão elegante. Dissipam-se as ideas archeologicas. Os fosseis. — Tudo melhor quando visto de longe. — O baile público. — Soirée de piano obrigado. — Theatro. Desafinações da prima-dona. Syphlis incuravel das traducções. Destempêro dos originaes. — A xácara de rigor, o subterraneo e o cemiterio. — Sublime gallimathias do ridiculo. — A bella e necessaria palavra 'gallimathias.' — Se as saudades matam. — Perigo de applicar o scalpello ou a lente ao mais perfeito das coisas humanas. — De como a logica e a mais perniciosa de todas as incoherencias.

599 Esperava-nos comeffeito em casa do nosso bom hóspede, nos regios paços de Affonso Henriques, um esplendido jantar a que assistiram quasi todos os cavalheiros da terra.—Não quero fallar de notabilidades por ser palavra peralvilha a que tenho invencivel zanga. — As iguarias de legítima eschola portugueza, não menos saborosas e delicadas por apparecerem estremes de *sautés e salmis* extrangeirados. Brilharam sôbre tudo os productos das duas grandes vendimas rivaes, do Ribatejo e Ribadouro. Foi largo e alegre o jantar.

Acabámos tarde, montámos logo a cavallo, e pela porta de Atamarma descemos á Ribeira; era quasi sol pôsto quando la chegámos.

É o suburbio democratico da nobre villa, hoje o ricco e o forte d'ella. Faz lembrar aquellas aldeas que se criaram á sombra dos castellos feudaes e que, libertos depois da oppressora protecção, cresceram e ingrossaram em substancia e fôrça: o castello, esse está vazio e em ruinas.

Por aqui se faz todo o commercio da Extremadura e Beira com o Alémtejo. Os habitantes laboriosos e activos conservam os antigos brios e independencia do character primitivo: é a unica parte viva de Santarem.

Cruzámos a povoação em todos os sentidos, procurando rastrear algum vestigio, confrontar algum sítio onde podessemos collocar, pela mais atrevida suppozição, a tenda do nosso alfageme com as suas espadas bem 'corregidas', as suas armaduras luzentes e bem postas — e o joven Nun'alvares passeando alli por pé, ao longo do rio — como diz a chronica — namorado d'aquella perfeição de trabalho, e dando a 'correger' a bella espada velha de seu pae ao rustico propheta que tantos vaticinios de grandeza lhe fez, que o saudou condestavel, conde d'Ourem e salvador da sua patria.

Nada podémos descubrir com que a imaginação se illudisse ao menos, que nos désse, com mais ou menos anachronismo, uma leve baze siquer para reconstruirmos a gothica morada do célebre cutileiro-propheta que a historia herdou das chronicas romanescas, e hoje o romance outra vez reclama da historia.

Em Santarem ha poucas casas particulares que se possam dizer verdadeiramente antigas; na Ribeira, nenhuma. As implastagens e replastagens successivas teem anachronizado tudo. É uma feliz expressão do Sr. Conde de Raczinski bem applicada por elle ao estado de quasi todos os nossos monumentos, ésta de anachronismo.

Mas alli, na villa alta ou Marvilla, no Santarem propriamente ditta, ha os templos, os conventos, a cêrca das muralhas que todavia conservam a physionomia historica da terra; aqui nem isso ha.

Voltei completamente desappontado da Ribeira, isto é, da sua pedra e cal: gósto immenso da sua gente.

Outra surpreza de mui differente genero nos esperava á noite em Marvilla, no elegante salão da B. d'A. com quem fomos tomar cha.

Em meio das ruinas e desconfôrto d'aquelles desertos e mortos pardeiros circumstantes, ir incontrar uma casa em plena florescencia de civilização e de vida; ver a amabilidade e a elegancia fazendo graciosamente as honras d'ella — por mais que se devesse esperar — sempre espanta á primeira vista: parecia golpe de varinha de condão.

Em tam agradavel e joven companhia todas as ideas archeologicas se desvaneceram, apezar de dous ou tres fosseis que alli appareceram para se não perder de todo a côr local.

Largamente se conversou, de Lisboa principalmente, dos nossos mutuos amigos, das festas do último hynverno, das probabilidades que se deviam esperar do futuro.

Ralhámos muito da sociedade portugueza; exaltámos París e Londres e não sei se Pekim e Nankim tambem, e concluimos que antes Timbokotuo do que a seccante capital do nosso pobre reino. E comtudo estavamos com saudades d'ella; e concessão d'aqui, concessão d'alli, viemos a que não era tam má terra como isso.

Admiravel condição da natureza humana, que tudo nos parece melhor e menos feio quando visto de longe!

O baile público mais semsabor, detestavel de barulho e confusão, em que, para repousar os

olhos n'um rosto conhecido e agradavel, foi preciso furar por entre centenas de cotovellos barbaros que se não sabe d'onde vieram, levar desalmadas pisadellas do dançante noviço, do deputado recemchegado, e das botas novas do novo director da Galocha — e, mais horrivel que tudo! ver as absurdas toiletes, os penteados fabulosos, as caras incriveis e as antidiluvianas figuras de tanta mulher feia e desastrada... pois esse mesmo baile, quando ja não é senão reminiscencia que acorda no meio do infado ronceiro de uma terra de provincia, parece outro. As luzes, as flores, a musica, toda aquella animação lembra com prazer, o mais esquece, e involuntariamente se desvia um pobre homem a suspirar por elle.

A soirée mais massante, de piano obrigado, com dueto das manas, polka das primas e casino das tias velhas — recordada em eguaes circumstancias, tambem ja não accorde á memoria senão como uma reunião escolhida e íntima, de facil e doce tracto... oh! o verdadeiro prazer da sociedade.

Pois o theatro... Que se lembre alguem na provincia dos martyrios que soffreu o ouvido com os berros da prima-dona, as desafinações do tenor, ou com o infadonho resonar d'aquella adormecida orchestra de San'Carlos!

A injoativa traducção de uma comedia da Ruados-condes, roída de incuravel syphlis, figura-se avelludada de todas as graças do stylo de Scribe.

E o destempêro original de um drama plusquam romantico, laureado das imarcessiveis palmas do Conservatorio para eterno abrimento das nossas bôccas, la de longe applaude-o a gente com furor, e esquece-se que fummou todo o primeiro acto ca fóra, que dormiu no segundo, e conversou nos outros, até á infallivel scena da xacara, do subterraneo, do cemiterio, ou quejanda, em que a dama, soltos os cabellos e em penteador branco, indoudece de rigor, — o gallan, passando a mão pela testa, tira do profundo thorax os tres *ahs!* do stylo e promette matar seu proprio pae que lhe appareça — o centro perde o centro de gravidade, o barbas arrepella as barbas... e maldicção, maldicção, inferno!... 'Ah mulher indigna tu não sabes ‚que n'este peito ha um coração, que d'este coração sahem umas arterias, d'estas arterias "umas veias — e que n'estas veias corre san-'gue... sangue, sangue! Eu quero sangue, por-'que eu tenho sede, e é de sangue... Ah! 'pois tu cuidavas? Ajoelha, mulher, que te 'quere matar... esquartejar, chacinar!' — E a mulher ajoelha, e não ha remedio senão applaudir...

E applaude-se sempre.

E não é de mim que fallo, que eu gósto d'isto: os outros é que se infastiam e cansam de tanta barafusta, sempre a mesma...

Mas emfim o que digo é que na provincia não ha tal fastio, que esquece a canceira, e que nem o sublime gallimathias do ridiculo d'alli se percebe.

Peço aos illustres puritanos que, á fôrça de sublimado quinhentista, tem conseguido levar a lingua á decrepitude para a curar de suas infermidades francezas, peço-lhes que me perdoem o *gallimathias*, porque elle é muito mais portuguez que outra coisa. A célebre oração *pro gallo Mathiae* deu origem a ésta bella e expressiva palavra, foi sim pronunciada em francez; mas hoje precisâmos ca muito mais d'ella que em parte nenhuma.

Volto ja da digressão philologica: tornemos á optica e catoptrica.

Grande coisa é a distancia!

E dizem que saudades que matam! Saudades dão vida; são a salvação de muita coisa que, em seu pleno gôso e posse pacífica, pereceria de inanição ou morreria da oppressora molestia da saciedade.

Por isso eu não gósto de metter o scalpello no mais perfeito da construcção humana, nem de applicar a lente ao mais fino e delicado do seu funccionar...

Vamos usando d'estas palavras que herdámos, sem metter louvados na herança; não succeda descobrirmos que estamos mais pobres do que se cuidava... vamos repetindo éstas phrases que nos formularam nossos antepassados sem as analysar com muito rigor; não succeda vermos claro demais que temos passado a vida a mentir...

Detesto a philosophia, detesto a razão; e sinceramente creio que n'um mundo tam desconchavado como este, n'uma sociedade tam falsa, n'uma vida tam absurda como a que nos fazem as leis, os costumes, as instituições, as conveniencias d'ella, affectar nas palavras a exactidão, a logica, a rectidão que não ha nas coisas, é a maior e mais perniciosa de todas as incoherencias.

Não fallemos mais n'isto, que faz mal e acabemos aqui este capitulo.

(Continúa.) *A. G.*

ETHNOGRAPHIA DO JORNALISMO.

600 O jornalismo, o vapor e os carris-de-ferro são, segundo se diz, os tres mais poderosos agentes da civilização moderna que hoje se conhecem; e d'entre elles o jornalismo é o mais poderoso. Os artigos dos jornaes podem ás vezes mais que muitas machinas de vapor, e os seus libellos correm mais rapidos que uma locomotiva.

Dizem que o jornal nasceu da liberdade da discussão. Não contesto; mas peço tambem que me acceitem a opinião de que o jornal é tambem, n'uma de suas phases, alimentado pela licença dos costumes.

O principio do jornalismo foi bom, como quasi sempre são os começos de todas as coisas. Os jornaes litterarios foram os primeiros jornaes, a sua missão era boa e verdadeiramente civilizadora. Vieram depois os folliclos e os pamphletos; e eu creio n'uma desgraçada verdade, de que é principalmente pelos libellos que o jornalismo adquiriu grande parte da sua popularidade. Se porém não foi pelos libellos foi sem dúvida do espirito de curiosidade que entre os homens se tem desinvolvido a mais e mais n'estes tempos modernos, desde o *Curioso impertinente* de Cervantes e do *Diabo-coixo* de Le Sage.

Muita coisa bonita se tem ditto e diz, afavor do jornalismo; mas de ordinario quem escreve os jornaes é quem mais os louva. Tem-se fallado com emphasi na *nobre missão do escriptor público*, e as phrases retumbantes não tem faltado, assoalhadas pelo cadi do editor, do alto do minarete d'um escriptorio, para chamar os crentes não á oração do profeta mas ao obolo da redacção. Eu tenho de mim para mim que uma boa parte d'essa *nobre missão* consiste, judiciosamente, em ganhar alguns patacos. E é para notar que havendo tanta coisa que custa e tem custado, um certo dinheiro, ainda nenhuma d'ellas foi designada pelo nome da moeda do seu preço senão os jornaes. *Gazeta*, como todos sabem, e como até aos nossos dias se chamava a todos os jornaes indistinctamene, era o nome de certa moeda que custavam na Italia os jornaes logo á sua instituição.

Tambem se diz que o governo representativo é o verdadeiro elemento do jornalismo. Assim será, mas o facto demonstra que os jornaes nasceram nos paizes governados pelo systema absoluto, que nunca ahi foram interrompidos, e que hoje todos os povos que são governados ainda pelo systema do absolutismo teem jornaes e muito bons jornaes. Pelo que nos diz respeito, os jornaes datam do tempo de D. João IV; nasceram com a guerra da independencia; e regulares ou não regulares, publicavam-se então á maneira de jornal as noticias do exercito, e até julgo mesmo que algumas disposições governativas. Eu não posso dizer com certeza se ésta especie de jornalismo foi ou não interrompida até á creação da *Gazeta de Lisboa*, estitico jornal que deve toda a sua celebridade á exiguidade do seu plano e singularidade da sua fórma. Mas fosse ou não, que não vem isso agora para o caso, é certo que no começo d'este seculo, quando nas outras nações se principiou tambem a desinvolver o jornalismo, Portugal, que era então sob o regimen do absolutismo, ao menos nas *fórmas*, e dominado pelo supremo tribunal da inquisição, de que tanta coisa feia se tem ditto, e da mesa-censoria, e de não sei que mais obstaculos aos *progressos das luzes e da civilização*, contava n'esse tempo pelo mundo vinte e tantos, quasi trinta, jornaes escriptos em lingua portugueza; e hoje em todo o Portugal não ha mais do que então havia. A nossa vizinha Hispanha, sob o mesmo regimen e circumstancias, contava n'aquella mesma epocha tambem os seus trinta jornaes.

Eu não faço aqui a historia do jornalismo; nem tambem mais do que mencionar factos; mas não pensem os leitores (aquelles menos sabidos n'estas materias) que, como jornaes de tal epocha, seriam indigestos e mal escriptos aquelles: não eram tal. Havia o *Mercurio lusitano*, o *Telegrapho portuguez*, o *Correio de Lisboa*, e outros jornaes politicos do bom plano, e escriptos em muito boa linguagem. Tinhamos o *jornal de Coimbra*, o *Semanario d'instrucção e recreio*, e a *Gazeta d'agricultura e commercio*; e publicaram-se depois em Londres o *Investigador-portuguez*, *O Campeão etc.*, e em Paris os *Annaes das sciencias e artes*, *O Observador etc.*

Se eu tivesse tempo e espaço para desinvolver as ideias que d'este facto derivam teria agora occasião para uma larga analyse da imprensa comparativa da epocha d'hoje com a d'então. Vejamos porém outra phase do jornalismo.

Com a introducção do systema liberal n'um paiz tomam grande incremento e desinvolvem-se os jornaes politicos; e nos tempos d'agitação ainda é maior o seu desinvolvimento. Assim, pelo que nos toca, vimos apparecer depois de 1820 mais de vinte jornaes em Portugal, afóra pamphletos etc., todos politicos, e quasi igual número em 1834. A Hispanha tem seguido identico movimento.

Ora, quando cessam as agitações politicas, ou a estabilidade dos governos firma o systema e resfria as paixões, os jornaes politicos cedem o passo, em toda a parte, aos jornaes dittos litterarios. E ainda mais, os mesmos jornaes politicos que subsistem, alimentados pelos partidos, que mais ou menos furibundos, não acabam nunca, veem-se na necessidade de se *amphibiarem* em jornaes tambem litterarios. D'aqui a origem dos folhetins, parte indispensavel hoje em todos os jornaes politicos, porque a secção politica d'elles não é bastante para dar interesse á sua leitura. E por isso vemos tambem que o jornalismo politico em França se vai todo transformando em jornalismo litterario; e, por mais que se queira, a parte politica d'elles, qualquer que seja o logar que occupe na folha, é sempre de mui secundario interesse para a *maioria* dos leitores. Assim vemos que, ou seja Odillon-Barrot, ou Thiers, ou Guizot, que redijam artigos de politica, os jornaes morrem se em auxilio d'elles não veem os Dumas, os Sand e os Sue. O *Constitutionnel* jaz moribundo, por exemplo, nos braços de Thiers, ressurge ovante sôbre as palmas de Sue.

Nas nações que leem (logo fallarei da nossa) não é so o romance e a litteratura que hoje dão interesse e se julgam parte essencial do jornalismo da epocha, os melhoramentos materiaes e as sciencias, são actualmente em toda a parte o complemento d'um bom jornal. Em França, por exemplo, não ha jornal d'uma certa importancia, ou que deligenceie obtel-a, que não traga o *compte-rendu* da academia das sciencias. Na Inglaterra, sóbe isso de ponto: os conhecimentos chamados *uteis*, a *parte positiva*, occupa as columnas dos seus jornaes com preferencia ostentosa sôbre to-

das as outras partes, principalmente litteratura. Nos Estados-Unidos, a litteratura é uma parte quasi nulla na maior parte dos seus jornaes. A Italia e a Hispanha são os paizes em que ainda a imprensa periodica é na maior parte exclusivamente litteraria; estão na mesma razão para a litteratura que toda a Allemanha está para as sciencias naturaes e moraes.

Em Portugal não posso eu dizer com exactidão qual é o character do nosso jornalismo: a fôrça de querer ter todos, parece-me a mim que quasi não tem nenhum. A parte politica nos jornaes está agora, por assim dizer, semi-cadaver. Os homens que se preconizam hoje como mais eminentes em politica, não escrevem para os jornaes. A parte scientifica, a não ser medicina, não tem, nem em sciencias naturaes nem moraes, um orgão seu na imprensa periodica. Os conhecimentos-materiaes e positivos, apenas começam agora a serem tractados pelo jornalismo. A parte litteraria é a que mais tem distinguido sempre os nossos jornaes; mas ainda assim, não se julgue que eu a ache em geral muito importante. Alguns excellentes artigos que n'esta parte tem sahido nos jornaes portuguezes, não tem sido continuados nem numerosos.

Ha outra phase muito distincta no jornalismo de todos os povos, que tambem tem decerto contribuido poderosamente para a propagação da sua leitura: é a dos *costumes*. Em França o jornalismo é a este respeito verdadeiramente crítico e curioso; na Inglaterra é licencioso, por vezes obsceno e quasi sempre ridiculo. Tenho pouca notícia dos jornaes d'Italia; mas nos que tenho visto ésta parte é pouco interessante. Em Hispanha o jornalismo quando tracta d'esta materia é quasi sempre petulante e satyrico.

O jornalismo em Portugal tem uma parte eminente considerado por ésta phase. O *almocreve das petas*, o *Demonstrador* de José Agostinho de Macedo, e muitos outros, occuparam d'antes um logar distincto como criticos de costumes. Pouco a pouco, ou porque as susceptibilidades se tenham tornado cada vez mais delicadas, ou porque a coragem e o atticismo tenham fallecido; ésta parte tem perdido muito, mas nunca de todo, a sua passada importancia. Ha annos, ainda o *Barbeiro dos Pobres no Porto* escrevia muitos chistes de merecimento real no seu genero; hoje são raros os gracejos de *Braz Tizana* que possam ser comparados com aquellas facecias. N'esta parte porém tem ainda o jornalismo em lingua portugueza um optimo representante, é o *Carapuceiro* do Rio-de-Janeiro.

Eu não sei onde me levariam éstas considerações. Vejo que é preciso acabar, e o meu ponto estava apenas incetado. A ethnographia do jornalismo não é coisa que se possa tractar rapidamente; mas como eu não estou escrevendo uma obra apenas escrevo um artigo, poderei quando tiver opportunidade voltar ao assumpto, ainda que torne uma ou mais vezes aos objectos que ficam esboçados. O que me custa porém é concluir sem dizer alguma coisa dos leitores dos jornaes: o jornalismo depende essencialmente d'elles. Em Portugal ainda se não lê. Ésta é que é a verdade, que a observação demonstra diariamente; diga-se o que se quizer. E não haverá bons jornaes porque não ha quem os leia; ou não ha quem os leia porque elles não são bons? A minha affirmativa é pela primeira parte da questão. É indubitavel que em Portugal tem havido muito bons jornaes, antiga e modernamente. Acho que citando os antigos, *Semanario d'instrucção e recreio*, e *jornal de Coimbra*, e o moderno *Panorama*, nos seus viçosos dias, ninguem me contestará.

Mas que fortuna fizeram elles?

Aqui está o facto visto por um lado; vejamol-o agora por outro. Portugal tem 3,400,000 almas; o jornal que teve maior número d'assignantes, tendo gravuras, e sendo baratissimo, foi o *Panorama*; pois não excederam a 3,000 nos seus melhores dias, não contando com a extracção do Brazil!

Ponhamos agora na presença d'este número os centenares de mil assignantes dos jornaes inglezes! Em França contam-se tambem os assignantes ás dezenas de mil. Ha n'aquelle paiz 400 jornaes, e so em Paris 300 d'estes; pois apezar d'este crescido número, apontam-se uns poucos com vinte, trinta mil assignantes etc.

É porque em França le-se. Os gabinetes de leitura estão sempre cheios de gente, ou sejam publicos ou particulares. N'aquelles é ás vezes preciso retalhar o jornal para acudir á anciedade da leitura d'elle. Em cima do fogão ha o jornal, á cabeceira da cama ha o jornal, á mesa do comer apparece o jornal. O cabelleireiro, o alfaiate etc., tem jornaes para os freguezes se interterem; e assim por diante. Onde está em Portugal o gabinete público de leitura? Quem le jornaes portuguezes n'um gabinete d'uma sociedade, d'uma philharmonica, ou sôbre a jardineira d'uma sala de visitas? Qual é o alfaiate que os compra, onde mora o cabelleireiro que os tem?

A verdade é que em Portugal ainda se não le. A Revista comtudo vai começar o seu volume sexto: ella não é dos mais queixosos. Eu estou que é conveniente teimar para alcançar... Algum dia será.

BIBLIOGRAPHIA.

Les arts en Portugal — *par le Comte de Raczinsky* — Paris 1845.

601 Não se passa dia sem que os prelos da Europa deixem de gemer com a publicação de alguma obra descriptiva de algum paiz.

N'este seculo de caminhos-de-ferro e barcos de vapor, a facilidade das communicações tem derribado as barreiras que separavam as nações, e por isso augmentado sôbre maneira o número de viajantes, que levados pelo amor das sciencias e artes, ou mesmo por simples curiosidade, se teem dedicado a investigar quanto póde chamar a attenção dos eruditos.

Em meio porém, d'esta *locumoção* scientifica não tem cabido a melhor sorte a este nosso pequeno Portugal. Em quanto os desertos e mares da Asia, Africa e America, são percorridos em todos os sentidos por naturalistas e antiquarios; em quanto que os cartorios e museus de todos os paizes são revolvidos para descubrir um documento, uma medalha etc.: as nossas provincias e os nossos archivos são desconhecidos. D'onde isto proceda não vem agora para o caso examinar; basta que estabeleçamos este facto, o qual ninguem negará, mas que tambem notemos a excepção que apresenta a obra do C. de Raczinsky.

É muito para louvar que este auctor tendo de tractar de um objecto tam novo, como escrever ácerca das artes em Portugal, não seguisse o costume geralmente seguido pelos extrangeiros quando escrevem sôbre

coisas nossas; e vem a ser, tomarem Lisboa por Portugal; o que em rhetorica poderá ser desculpavel, mas que em historia, sciencias e artes, é absurdo.

Viajou e correu grande parte da Extremadura, Beira, Alemtejo, e esteve no Porto. O fim de todos os seus trabalhos era puramente artistico, e muito em especial decidir a questão da existencia do nosso pintor — Vasco — mais conhecido pelo epitheto de Gran'-Vasco.

Para conseguir este fim colheu com incansavel zêlo todos os soccorros que a sua posição social (ministro diplomatico da Prussia na côrte de Portugal) lhe facilitava achar; aproveitou os trabalhos d'alguns dos nossos distinctos litteratos; examinou como *artista* muitas das nossas collecções de quadros, e ajudado de uma critica severa mas justa, porque é imparcial e fundada, emitte a sua opinião.

Não nos é permittido pela natureza d'este artigo entrar em miuda analyse da obra, quanto mais que o que se acha impresso não é senão a introducção da obra toda, a qual com esta primeira parte contará outras duas. Contentar-nos-hemos com dar uma breve noticia, certos de que obras taes devem ser lidas, e por isso, mostrar a sua importancia e o methodo seguido pelo auctor, é quanto basta para se conseguir o fim indicado.

O auctor adoptou a fórma epistolar, por isso que mais facilmente podia saltar de uma a outra materia, e mesmo em logares rectificar o que em outros houvesse ditto de menos exacto.

Deixando de parte o que este systhema póde ter de vantajoso ou não, diremos somente que muito bom resultado tem n'esta obra, porque dá logar a conhecermos as gradações por que foi passando o juizo do auctor. Assim, com respeito á existencia do Gran'-Vasco, houve tempo em que o auctor accreditou que este nome *symbolizava* um modo de pintar, depois desenganou-se porque adquiriu a certeza da existencia de um pintor d'esse nome natural de Vizeu, foi lá, porque lá existiam quadros authenticos d'elle, e estudou-os. Por conseguinte de um modo agradavel e natural, e com uma candura que honra o verdadeiro merito, porque este não accredita na impecabilidade, leva o leitor ao exame das razões que moveram e seu juizo.

As vinte e nove cartas de que consta o primeiro volume são cheias de interesse pelas noticias e observações de que estão recheadas.

Acompanham éstas cartas varios appendices comprobativos. Este methodo de authenticar qualquer proposição é muito alleman, e ja foi muito portugueza, e quanto a nós (embora incorramos no anathema de pesados) muito digna de seguir-se. Não conhecemos nenhum meio de certificar um ennunciado de facto, senão junctar-lhe as peças todas do processo. Áquem do Rheno não é isto moda, mas acima das modas está a razão, que exige provas em vez de imagens e brilho quando se tracta de materias positivas.

Alguns d'estes appendices são muito curiosos, e notaremos principalmente o da primeira carta — Tractado da pintura, por Francisco de Hollanda — vertido em francez do original inedito existente na Bibliotheca da academia-real das sciencias.

O auctor ainda depois de verificada a existencia do Gran'Vasco, é de opinião que este pintor nunca formou *eschola*, bem como, que entre nós nunca houve eschola de pintura no sentido artistico d'esta phrase. Tracta de consolar-nos porém, mostrando que muitos e muito indisputaveis são os titulos que os portuguezes teem á gratidão da humanidade, para que devam querer usurpar uma glória que lhes não pertence.

Subscrevemos completamente á sentença do auctor — Para conservar illesa a nossa boa nomeada, é necessario manter illeso o nosso character, e esse foi (não diremos que é) dar a cada um o que é seu; póde ser que por muito riccos não carecessemos do que não nos pertencia, e que hoje a razão contrária produsa effeitos contrarios...

Como discussão artistica e litteraria julgâmos ésta parte da obra do C. de Raczinsky muito digna de elogio. Os pintores do nosso grande seculo adoptaram a *maneira* flamenga, e os que depois da infausta usurpação dos extrangeiros Philippes, pintaram, seguiram, a eschola italiana. Foi mau fado nosso que éstas duas epochas não fossem coevas das idades de oiro das duas escholas que nos serviam de modêlo, e por isso nem imitámos os optimos d'entre os flamengos e italianos.

É, porem, muito para notar que a eschola hispanhola nunca nos servisse de modêlo. O facto é indisputavel porque a comparação dos quadros não póde deixar hesitar o juiz imparcial; mas a explicação não nos parece muito obvia, a não recorrermos a causas politicas. E na verdade, quando as nossas relações com os Paizes-baixos soffriam quebra, era quando o jugo da Hispanha pesava sôbre nós, e por conseguinte quando (parece) nós deveriamos imitar os seus pintores; mas talvez que mesmo a natureza d'esse mesmo jugo por violento e ferreo, nunca podesse dobrar o genio das bellas artes, e antes desinvolvesse o espirito de resistencia e reacção. No emtanto seja o que fôr, julgâmos este ponto bem digno das investigações das pessoas intendidas.

Em quanto á nossa architectura e monumentos é o C. de Raczinsky severo juiz; mas nem por isso deixa de tributar os devidos louvores quando ha razão para isso. Nós folgâmos muito com algumas das suas criticas, e não podêmos deixar de notar a que faz ao insulto feito ao bom-gôsto, que se ve no edificio da igreja de Belem, cuja primorosa fabrica se acha deturpada pelas ridiculas vidraças que, ha pouco, lhe pozeram.

Não concluiremos ésta noticia, sem dar a conhecer o juizo que o auctor, com um verdadeiro amor da arte, dá a respeito dos elogios *animadores* dos nossos criticos áquelles, que se dedicam ás bellas-artes. Julga elle que taes elogios desmesurados em vez de produzirem o aperfeiçoamento, só podem produzir illusões, que depois serão destruidas pelo desengano, mas ja quando não houver remedio.

A muitos parecerá talvez errado este modo de julgar; a nós, porém, que estimâmos em muito a critica, quando justa, embora seja severa, parece-nos muito acertado; porque cremos firmemente que esses elogios só tendem a produzir mediocridades, coisa que repugna com bellas-artes.

Ao concluir éstas reflexões todas em abono da obra do C. de Raczinsky, desejaramos não ter que fazer reparo algum em seu desfavor; mas faltariamos ao nosso dever, se lhe não notassemos a infidelidade de quasi todas as versões que fez do portuguez, cujos originaes podêmos examinar.

É pena que este defeito venha deslustrar uma producção, que julgâmos de mui subido merito.

S B.

POESIA.

O LYRIO.

602 Oh quanto és formosa
Innocente flor,
Terna imagem d'anjo,
Sorriso d'amor!

Tão linda pareces
Pela aura emballada
Á margem do rio,
Gentil, perfumada,

Qu'as rosas, os astros,
As aves e o ceu,
Invejam primores,
Qu'o Eterno te deu.

E o garbo que ostentas
Ao surgir d'aurora,
Co'as gotas brilhantes,
Qu'a noite vapora!

Então de teu cális
De brandura alpina
Desprendes essencia
Suave e divina.

E qual virgem casta
Do templo do sol,
Curvada saudando
Dourado arrebol:

Ao Senhor off'rece
A simples primicia,
Que os ceus embriaga
De sancta delicia.

E do lyrio branco,
Que jaz na soidão,
Acolhe o Senhor
A muda oração.

E do throno d'oiro
Onde é assentado,
De gemmas mui finas
E perlas ornado:

A chuva, o calor
Á terra lhe envia,
Com bençãos o cobre
De noite e de dia.

Sim, que ante seus olhos
Pequenos não ha;
So puros incensos
Recebe Jehovah.

Oh quanto és formosa
Innocente flor
Terna imagem d'anjo
Sorriso d'amor!

Lisboa 14 de dezembro de 1845.

João Augusto de Amaral Frazão.

VARIEDADES.

PHISIOLOGIA DO NARIZ.

603 Porque não havemos nós occupar-nos *do nariz*? — N'estes tempos poeticos em que d'um *monturo* se fazem jardins Elysios, póde-se muito bem fazer do nariz um artigo de jornal.

A these que estabelecemos não é todavia das mais faceis; a questão é quasi um novello de linha nas unhas d'um gato, como diz V. Hugo, e se não houver alguma Ariadna que nos livre d'este labyrintho estamos perdidos! Emfim o leitor hade ser indulgente: mesmo talvez tenha genio inglez, isto é, de gostar de jantar bem, beber melhor, e pôr de parte a politica para se encaixar no folhado das empanadas de — *anecdotes, birth's, mariages etc.* — como elles costumam, para dar noticia do *Fashionable world!* Ora pois, sirva-nos isso de animação, e va *o nariz para depois de jantar!*

Estamos sobremaneira embaraçados n'esta materia *naseologica*, é um problema que custa mais a resolver do que determinar todas as propriedades das curvas, e se não fossem alguns livrinhos que estão diante dos olhos, não escreviamos o artigo nem á mão de Deus padre.

O que é *o nariz*? Venham os Diccionarios, abra-se o Moraes. — *O nariz é o membro do rosto onde estão as ventas...* bravo! isto é que se chama deffinir! Talvez que julguem que ésta deffinição é inventada por nós, pois vejam a 4.ª edicção de A. de Moraes e Silva, pag. 349, e ahi a acharão *ipsis verbis.*

A nossa deffinição, com quanto não seja nova, hade ao menos ser mais exacta. Vejamos — O nariz é o ponto da perfeição physica, é o centro da harmonia visual, é o foco do sentimento e da intelligencia. — Isto agrada-nos; e não é por modestia que francamente confessâmos que *é ésta uma boa deffinição*, não nos venham com as mãos á cara; porque ainda não ha muito que um litterato disse: *sendo tão bonito e tão bem escripto, e tendo agradado tanto o meu drama que até fui coroado acho-me cercado de uma aureola de glória*; e outro n'um prologo d'uma traducção confessou, *que a extracção do seu primeiro romance* (venderam-se cremos eu que 6 exemplares) *o havia obrigado a satisfazer aos desejos do publico, publicando uma nova traducção!*

Maldita critica, malditas frioleiras! Se não fosse levarmos agora a mão á cara, ficavam os leitores desapontados. Mãos á obra e d'esta vez promettemos nem siquer tomar o folego.

Xenefonte quiz provar que um homem era falho de animação e chamou-lhe *homem sem nariz*; os latinos para dizerem de alguem que era intelligente chamavam-lhe: *homo emunctæ naris*; Marcial disse em uma occasião que estava de bom humor: *non datum est cuicumque habere nasum?* Os italianos para indicarem que este ou aquelle é homem de talento, servem-se da seguinte expressão: *Quegli ha buon naso.* — Está pois comprovada a grande estimação que entre os antigos e modernos tem um bom nariz.

A perda d'um olho causa dó, faz compaixão, mas a perda do nariz causa tedio e horror. Por isso homens dos tempos passados castigavam arrancando o nariz; senão haja vista o que fez Megollo Lercai a

Pedro Luiz Farnese, a quem o povo de Parma arrastou pelas ruas sem nariz.

Porventura um nariz grande não será signal de talento? Walter Scott e Schiller tinham grandes narizes? Lamartine e Victor Hugo, são conhecidos por homens de *narizes collossaes?* E Voltaire, Moliere e Boileau? Não se deu a Ovidio o cogonome de—Naso — por ter um *tremebundo nariz?* — Apezar disso é mister distinguir as especies de narizes, e é o que vamos fazer.

Um nariz grosso *sem modificações*, é o typo da ignorancia e da estupidez; — nariz comprido e delgado, indica astucia; — nariz perpendicular mostra uma constancia a toda a prova (esses narizes são raros nas senhoras!) nariz estreito na extremidade é signal de fraqueza; — nariz aquilino mostra espirito atilado, e a raiz do nariz angusta, quer dizer energia passageira — Deus nos livre de tal nariz!

Dizem muitos que o nariz nunca foi a séde d'amor, e que por isso Bernardim Ribeiro não fallou no nariz de D. Brites (ou Beatriz), Camões no de D. Catharina, Petarcha, no de Laura, Gonzaga no de Marilia, nem Tasso no de Leonor etc.; mas nós tambem perguntaremos como se namorava d'antes? Não era içando a *bandeira branca*, arrumando-se á esquina da rua, e arremelgando o olho á *menina*, que correspondia com um escarrinho ou igual dóze de *fluido mucoso?*

Sem duvida que hoje, que a economia politica está tanto em moda, sería trabalho digno d'um bom economista provar, e podia-o, que o nariz influe na agricultura, no commercio, na prosperidade publica, e nas relações sociaes. Senão veja-se: uma *assuadella*, como ja dissemos, produzia (e ainda produz) um namoro, um namoro traz comsigo, de ordinario, um casamento, um casamento os filhos; e eis-ahi a patria com cidadãos uteis so pelo effeito d'esse milagroso talisman — o nariz!

A estanqueira do Loureto fez a sua fortuna por ter nariz grande; e dizem que a familia Bringsingue aprendêra civilidade por o criado cossar no nariz. N'uma palavra se tentasse-mos mostrar as vantagens que o nariz tem produzido á sociedade, teria-mos de fazer um artigo que occupasse *vinte e quatro numeros* da Revista, *sempre* com o *continuar-se-ha*, obrigando assim o leitor a espreguiçar-se vinte e quatro vezes para chegar a salvamento ao fim d'esse mar de somno.

Nós o esperâmos; o nariz tambem ha de ter o seu *Say* e o seu *Smith*. O nariz adquirirá então grande importancia — essa chamar-se-ha *nasal*, e o seu progresso *narigal*. — Ja se nos afigura esse dia de regosijo em que a exemplo do tempo em que a França gritou: *Vive le bonnet rouge!* gritaremos todos: *Viva o nariz!* — Far-se-hão, tractados, encyclopedias, codigos, reflexões e folhetins: e os paes tractarão de examinar seus filhos ao nascerem, e contentes exclamarão: 'Bemdito sejas! tens um bom nariz!...'

* * *

CORREIO EXTRANGEIRO.

604 No caminho-de-ferro de Amsterdam para Hais foram transportados, no anno de 1845: 626,316 viajantes e 5,762,931 libras hollandezas de mercadorias. O rendimento foi de 643.983 florins.

A rede de caminhos de ferro actualmente em projecto na Prussia, deverá ter no espaço de dez annos 600 milhas de extensão e custará obra de 200.000.000 thalers. Hoje existem ja concluidas 150 milhas que tem importado em 64.000.000 thalers.

CORREIO NACIONAL.

605 Infelizmente quando mais queremos é que ordinariamente não podêmos. Esta semana, foi um oitavario theatral dos mais interessantes: a *primeira physica* de França (os leitores bem sabem que éstas phrases são ornamentos de cartaz) a apresentar-nos os jogos do *passa traspassa* da madre Celestina ('incantadora e roubadora,' accrescenta a cantilena; mas no presente caso so se dá... a primeira d'estas qualidades): a abertura de um nova theatro de declamação, que é na verdade coisa memoranda entre nós; uma peça nova no Salitre; a continuação das representações lyricas em San'Carlos pela companhia do theatro de San'João do Porto; e ainda mais não sei quantos nem quaes sainetes d'este genero... vejam la os leitores em que faltas não fica a Revista sem podêr dar-lhes pontual conta de tam lindas coisas! Para a semana serão satisfeitos, tenham a bondade de esperar: para lhes não faltar-mos a elles era preciso que primeiro nos não faltasse a nós a saude.

Ensaia-se no theatro-nacional um drama, em 5 actos original — A Madresilva — acção familiar, epocha 1668, que deve ter a sua primeira representação na noite de 30 do corrente em beneficio da Sr.ª Emilia.

Por edital da inspecção-geral dos theatros de 16 do corrente, foi posta a concurso a empresa de declamação e d'opera-italiana, do theatro do Porto, sem se fixar o subsidio, e deixando livre ao concorrente a proposta das condições.

A receita do asylo da mendicidade no mez d'abril último foi de 1:157$059 réis, além de diversos donativos e tomadias em generos. A despeza foi de 929$475 réis, e mais 403$808 réis dispendidos em obras e reparos do edificio: o deficit foi coberto pelo saldo do mez antecedente de que ainda sobraram 93$955 rs. Ficaram existindo 348 homens e 252 mulheres, total 600, e mais 4 menores em deposito, que foram encontrados ao desamparo nas ruas da capital.

O rendimento das alfandegas de Lisboa, Sette-casas e Porto no mez de abril último foi de 418,324$816.

No mez de abril último despacharam-se na alfandega das Sette-casas: 2,026 pipas de vinho e 308 de azeite, 25,124 arrobas de carne, 215 de porco, 1,455 de vitella e carneiro, e fructas e vegetaes no valor de 20,149$450 réis; tudo para consummo. E para exportação despacharam-se 1,861 pipas de vinho.

Ha hoje em Lisboa 120 boticas, 41 lojas de drogas, e 2,443 casas e lojas de alimentos e bebidas.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA